

3 + 1

Manglar

Juan Tessi

18.01.19 – 09.03.19

Inauguração 19h – 22h, 18.01.19

Sobre *Manglar* [Mangal] de Juan Tessi

Até ao momento, todas as peças e exposições de Juan Tessi (Lima, Peru, 1972) têm sido concebidas em torno de formas narrativas. No entanto, o artista não está interessado em sujeitar as imagens à narração, tendo vindo a rejeitar, em maior ou menor grau, a fonte narrativa. Mas é a suspeita da sua existência que nos conduz a uma possibilidade de decifração. Na verdade, cada trabalho nos incita a exercitar um músculo conceptual que é activado na presença de “abstracções figurativas”: telas em que as formas abstractas são substituídas por figuras, que, por vezes, tudo ocupam. Como antecedente deste método, César Aira sugere *Hebdomeros*, o romance sem enredo de Giorgio De Chirico, que pode ser lido como se tivesse uma história. Recorrendo a uma lógica de acumulação semelhante, Tessi pinta quase tudo o que lhe surge no campo visual. Mobiliário, jarrões, esculturas de mogno ou espaços interiores banhados em conforto. Não tenta convencer-nos de que o grau de importância destes objectos deva ser revisto no mundo das coisas. E também não é claro quando devam ser apresentados como canais para histórias mais vastas. Trata-se de pintar a partir de descobertas e de inesperados cruzamentos com objectos quotidianos, mas também com o cinema, com a internet ou com o modo como o vento apanha uma madeixa de cabelo numa pintura marinha. Um exemplo é a descoberta de um tutorial sobre maquilhagem narrado pela actriz Donna Mills no YouTube. Tessi eliminou as imagens e manteve o áudio, que converteu num fragmentado manual de instruções de pintura. O resultado é o oposto de uma narrativa. Usando as instruções de Mills, como “continue a espalhar com o seu pincel até que a linha em torno dos seus olhos se pareça mais com uma mancha do que com uma linha”, Tessi consegue desenhar des-desenhando.

As suas peças raramente são apresentadas de forma autossuficiente. Para a sua primeira exposição num museu (*Cameo*, MALBA, Buenos Aires, 2016), o estacionamento, escritórios e terraço da instituição receberam as pinturas, cujas imagens foram captadas por doze câmaras de vigilância, sendo o filme depois mostrado em tempo real aos visitantes no interior de um espaço transformado numa sala de monitorização. Museus, terraços e edifícios públicos podem ser tanto habitáveis como desoladores, segundo a sua política espacial. Intervir na lógica arquitectónica através de objectos artísticos erode a sua direcionalidade. O acto de espalhar um conjunto de obras em espaços que não estão preparados para as receber destabiliza a funcionalidade inconsciente que incorporamos no regime visual.

Ao contrário de qualquer exercício de reificação, as séries pictóricas de Tessi nunca deixam de ser activas. Nos últimos anos, uma espécie de vontade expansiva, mais próxima do lúdico do que do investigativo, conseguiu desbloquear os protocolos da linguagem pictórica. A amalgamação da tinta com outros materiais, tais como a cerâmica, penas, acrílico ou ferro permitiu-lhe expandir os limites da tela. Esta expansão permitiu-lhe substituir a tinta pela tela. Os fundos lisos, de cores apagadas, nos quais se espriam as suas silhuetas de cabeças cerâmicas esmaltadas, não resultam de embeber a tela em óleo. Tessi chega à cor através da sobreposição de diferentes tecidos de algodão monocromático, que subtrai do seu stock de telas. O seu trabalho pictórico assemelha-se à sinalética, ocorrendo pela conjunção de apenas alguns elementos: uma placa de acrílico colorido suporta matéria pictórica removida do seu suporte original de linho empastado. Mesmo apesar de se tratarem de estruturas fixas, Tessi consegue emprestar uma lógica molecular ao confinamento que a pintura parece revelar. Na rede de estímulos e reacções que a antecedem, uma pintura

3 + 1

continua numa outra. Mas a cadeia de elos não se limita às obras, reflectindo, ao contrário, toda a vida do estúdio. Tal como Bruno Latour faz notar, “sem dúvida que os bules fervem água e as facas cortam carne, etc. Mas como poderia a introdução destas actividades modestas, mundanas e ubíquas dizer fosse o que fosse de novo? E, no entanto, é isso que fazem”. Para este filósofo, qualquer elemento cuja incidência altere o curso dos eventos (tal como estas pinturas, ou elementos sociais) é “um actor ou, caso ainda não haja figuração, um actante”. As pinturas e esculturas de Tessi permitem relações não só entre objectos e pessoas, mas também entre pessoas presentes num outro tempo e ausentes do nosso quotidiano. Henri Rousseau, Jean-Léon Gérôme, Marsden Hartley ou Cookie Mueller são mais que um campo de referência: o seu efeito é tão vinculante como elusivo, tal como a luz da sala em que Tessi cria os seus trabalhos.

As pinturas, desenhos e jarrões que compõem *Manglar* pertencem ao género de obras situadas, localizando-se num eixo geográfico e temporal preciso. Contudo, neste caso, não as encontramos num país, num continente ou num bairro, mas numa daquelas zonas que as grandes marés inundam de água salgada e nas quais vingam árvores e centenas de espécies. Um mangal é habitat de uma vasta diversidade botânica e também de centenas de espécies na sua fase juvenil e que são capazes de desenvolver inteligência biológica e sofrer diversas adaptações anatómicas. O mangal é aberto, livre, acolhedor e de fundo macio. Assim, não é difícil visualizar esse estuário de “alta produtividade” (segundo a Wikipédia) como a zona onde se localizam as corporalidades pintadas, moldadas e desenhadas de Tessi. As suas entidades raramente estão completas. Na verdade, muitas delas propõem uma nova ordem em que pés, mãos e cabeça ocupam um espaço indeterminado. O seu interesse em construir esse grupo de corporalidades com linhas, em vez de ocupar a totalidade da tela, é a margem que necessitam para se desenvolverem. Os artefactos corpóreos (nunca naturais, sempre artificiais) evitam qualquer sugestão de realismo. Estas formas, ao serviço da invenção, são experimentadas pelo artista como um protótipo de espécies. As suas formas e volumes mudam, tal como muda a quantidade de extremidades, que dão lugar a uma espécie anfíbia. Entre este abundante inventário, um jarrão consegue manter a sua morfologia, embora a sua função tenha mudado ou, para ser mais exacto, tenha sido interrompida. Os jarrões de *Manglar*, executadas no atelier de Pedro Pacheco nas Caldas, são formas fechadas, blocos maciços, cujas tampas seladas constituem um obstáculo a vencer pelas penas decorativas.

Entre dispositivo e corpo, as formas inacabadas de Tessi acrescentam uma certa iconografia festiva. Uma perna levantada, uma mão oferecendo uvas, um par de cinturas gingando minissaias de penas. As coreografias e movimentos que as suas silhuetas executam estão próximas do ritual e, portanto, de certas formas de narrar, mas nelas pouco haverá a que nos possamos prender em termos de história. Cada uma destas entidades é um músculo atravessando uma acção e sem nada que dizer. Estes movimentos não têm destino, nem são determinados por imagens pré-existentes. Partilham algo com o fazer infantil: a tinta é posta sobre uma superfície até a forma surgir. E estabelecem-se num estado de contágio e contaminação em que ecoa este verso de Francis Picabia: “Uma pintura não existe se não souber como fazer avançar todas as pinturas”.

Mariano Mayer 12.2018
Tradução: Rui Parada

galeria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 - 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765

3 + 1

Juan Tessi (Lima, Peru, 1972) vive e trabalha em Buenos Aires, Argentina. Estudou pintura com Ricardo Garabito em 1989. Em 1991 ganha uma bolsa para estudar em Maryland Institute, College of Art, Baltimore, onde obteve o seu BFA em 1994. Participa no Yale/Norfolk Summer Residency de 1993 e em 1998 regressa a Argentina, onde começa a expôr em exposições colectivas e individuais. Em 2010 participa na Beca Kuitca / UTDT. Entre 2009 e 2010 organizou e coordenou, em colaboração com Cristina Schiavi, o projecto Mark Morgan Perez Garage. Das suas exposições individuais destacam-se: *Frame Section*, Frieze NY, com a galleria Nora Fisch em Nova Iorque, EUA (2018); *Cameo*, Fundación Malba, Buenos Aires, Argentina (2016); *Solo Projects*, ArtBo, Bogotá, Colombia (2015). Exposições colectivas incluem: *Ultramar: Fontana, Kuitca, Tessi*, Museo Thyssen, Madrid, Espanha (2017); *Premio Braque*, Muntref, Buenos Aires, Argentina (2017); *Praising the surface, chapter II of the spring exhibitions*, Center for Curatorial Studies, Bard College, EUA (2016); *Empujar un ismo*, Museo de Arte Moderno, Buenos Aires, Argentina (2014); *Ultimas tendencias II*, Museo de Arte Moderno, Buenos Aires, Argentina (2012); *Elogio da Diversidade. Arte Contemporanea Argentina*, O Instituto Brasil - Argentina del Consulado General de la Reb. Argentina, Rio de Janeiro, Brasil (2010); *Persistência*, Museu de Arte Contemporânea, Porto Alegre, Brasil (2006); Centro Cultural Ricardo Rojas, Buenos Aires, Argentina (2000).

Juan Tessi é representado pela galeria Nora Fisch em Buenos Aires, Argentina.